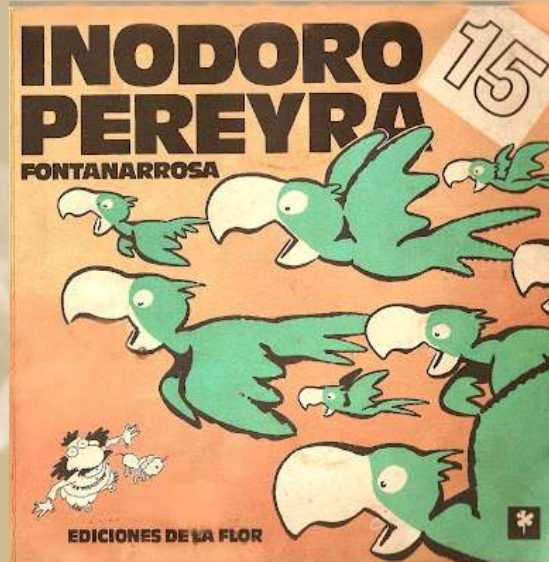


Inodoro Pereyra: um gaúcho separado por Tordesilhas

Ben-Hur Demeneck¹



FONTANARROSA, Roberto. **Inodoro Pereyra**. 1. ed.; 4. ed. Buenos Aires: Ediciones de la Flor, 1991; 1996. (Número 15). ISBN: 950-515-671-5.

Señor: Buenas tardes don Inodoro, ¿cómo está?
Inodoro: Mal, pero acostumbráu.

A resenha apresenta e comenta um personagem do mundo dos quadrinhos, Inodoro Pereyra, e seu criador Roberto Fontanarrosa (1944-2007). Como ponto de partida, o décimo quinto volume de uma série de coletâneas de uma arte sequencial recheada de humor e referências populares, massivas e eruditas. O protagonista das páginas se mantém inédito em obra individual no Brasil, o que dá um sentido inconsciente a seu apelido original de renegado (*'el renegau'*).

Fontanarrosa era um dos cartunistas mais populares e respeitados da Argentina e Inodoro Pereyra passou das três décadas de publicação. Outro personagem conhecido do autor era o matador de aluguel 'Boogie, o seboso' (*'el aceitoso'*), pode ser entendido como uma sátira à banalização da violência. Boogie teve edição no Brasil, a qual se encontra esgotada². Na

1 Mestre em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e doutorando do Programa de Ciências da Comunicação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Bolsista da CAPES.

2 FONTANARROSA, Roberto. **Boogie, o Seboso**. Porto Alegre: L&PM, 1988. (Volume 1).

Argentina, a produção seriada de ambos renderam mais de quarenta coletâneas no catálogo das *Ediciones de la Flor* – trinta e duas para Inodoro, doze para Boogie. As que serviram de referência para este texto possuem, cada uma, mais de cem páginas³.

A fim de destacar a recepção da obra de Fontanarrosa, segue um depoimento de uma argentina. María Sabina Uribarren é de Córdoba, cidade em que era editada *'Hortensia'*, publicação onde Inodoro Pereyra aparece pela primeira vez em 1972. O periódico circulou uns 18 anos e abriu um capítulo à parte quando o assunto é humor argentino. Sabina é arquiteta e cursa doutorado em História da Arquitetura e do Urbanismo (FAU/USP). Apesar de ser especialista em história da preservação do patrimônio cultural de seu país, o seu relato parte da sua condição de leitora e do caráter afetivo do mundo de Inodoro Pereyra para si.

Lembrar de Inodoro Pereyra, inevitavelmente, me faz lembrar de *Hortensia*. Era uma revista generosa tanto em proporções quanto em conteúdos. Meu pai a comprava religiosamente no quiosque e ele a lia religiosamente. Ele a mantinha no topo da biblioteca [para eu não alcançar]. Quando fazia a sesta, eu aproveitava para escalar as prateleiras e encontrar as edições que, pela clandestinidade, pareciam-me proibidas. De todos os autores e personagens da publicação, Fontanarrosa e suas criações me foram os mais queridos, possivelmente por eu poder associá-los com personagens de meus arredores. Havia um *Inodoro* por perto, o Seu Nano, um vizinho e filósofo da terra que, entre vinhos e o mate, soltava uns comentários de sabedoria inigualável. A *Eulogia* [mulher de Inodoro] era Dona Mercedes, uma *criolla* gorda que cuidava de mim enquanto minha mãe trabalhava e que criava seus filhos e netos no *Barrio Chino* ('china' era também um modo de chamar *Eulogia*). E, finalmente, *Mendieta*. Não há como esquecê-la, pois assim chamamos o cão que minha família pegou na estrada cheio de sarna e carrapatos, e que era fraco como o personagem de quem herdou o nome, mas não o raciocínio. Inodoro simples, Inodoro sábio, malicioso e ingênuo, sua imagem se junta e de outras memórias ligadas a outros criadores e personagens de *Hortensia*: Cognigni (Negrazón y Chaveta), Ian, Peiró...

MENDIETA, EL ÚNICO CAN HISPANOHABLANTE

Ao ler as antologias das *historietas* de Inodoro Pereyra desfilam personagens a cada enredo. Há um quê de Sítio do Pica-Pau Amarelo naquele ambiente de encontros de imaginários, junto desse estancieiro convivem o prosaico e o fantástico e predomina o tom da irreverência. Em entrevista republicada na edição brasileira de coletânea de Boogie, o autor considera que talvez nunca pudesse “trabalhar numa coisa totalmente desprovida de humor”. Quanto ao nome do personagem *gaucho*, há um jogo de palavras. Inodoro é uma das palavras usadas por argentinos para se referirem a vaso sanitário.

³ Os quatro volumes de catálogo consultados para esse artigo: números um (1991), quinze (1996), vinte um (1997) e 'Clásicos según Fontanarrosa' (1993).

Se no primeiro livro, há um Inodoro mais dado a aventuras, à medida que perdura o personagem, o seu traço e a sua psicologia mudam. Ganha espaço uma provocação verbal marcada por uma picardia crioula, um jeito ranzinza. Parece que em vez de ele cruzar o pampa, o mundo passa a vir ao encontro do rancho e daquela filosofia do homem ordinário de que falam Agnes Heller e Michel de Certeau em seus livros.

As histórias são contadas em um número variável de quadros, isto é, a extensão delas não é pré-delimitada. Há personagens fixos, como a sua mulher Eulogia e a cadela Mendieta. O parceiro animal é quem mais lhe serve de contraponto, afinal ele se considera a si mesmo como “*el único can hispanohablante*”. Na cena de *Encuentro con el Gran Zigfield*, Mendieta esclarece sua escolha de não se juntar ao circo. Quer terminar antes o curso de Medicina. Abandonados pelo pretendente, o dono chamou o mascote à verdade. E teve sua resposta (leia a tradução na nota de rodapé⁴):

Mendieta: En verdá, don Inodoro, sucede que me yamó el Mario Vargas Llosa pa hacer en teatro “La ciudá y los perros”.

Inodoro: ¿Y usted hace de perro, Mendieta?

Mendieta: Y... pa hacé de ciudá no me da el cuero don Inodoro.

Para um praticante do portunhol, os regionalismos de Pereyra podem turvar a prosa no começo, depois se transformam em sotaque. Então se percebe que ‘*güen*’ é ‘*bueno*’ que ‘*ubicaú*’ é ‘*ubicado*’, ‘*nomaj*’ em vez de ‘*no más*’. Ou que se usa ‘*tata Dios*’ para manifestar sua crença e ‘*Güenosaires*’ para mencionar a metrópole. O ‘*modi falá*’ desse *gaucho* transcorre entre companhias triviais do universo das *llanuras* argentinas – índios, homens da lei, padres, sapateiros, *payadores* (como são chamados os menestréis da região), palhaços e até ‘gringos’. Apesar de vivido, não lhe faltam momentos de surpresa como quando encontra uma tribo de indígenas e escuta do cacique a decisão de irem até Buenos Aires para derrubarem o governo e retomarem a posse das terras de seus antepassados.

Para Inodoro não há impedimentos para entabular diálogos com assombração, novilho, Papai Noel, cachorro, papagaio (em geral, uma metáfora dos brasileiros), Charles Darwin e *Antonio das Mortes* – o personagem de Glauber Rocha. Quando conversa com o autor da teoria da seleção natural e aquele cai no jargão científico, este associa as palavras a um sentido que julga possível. Logo, um ‘*gliptodonte*’ (um ancestral do tatu) vira uma questão digna dos

4 “Na verdade, Don Inodoro, é que Mario Vargas Llosa me chamou para representar ‘A cidade e os cachorros’/E você vai fazer o papel de cachorro, Mendieta?/Para fazer o papel de cidade, não me dá muita vontade não, Don Inodoro”. O romance de Llosa foi traduzido por muitos anos, no Brasil, com o título “Batismo de Fogo”.

esquetes em que alguém ouve muito mal – “¿si senti um grito dónde?”. E a conversa se emenda. Ou quase. O absurdo do humor nunca cansa em Fontanarrosa de encontrar continuidade e embaralhar registros culturais⁵.

Na coletânea ‘Gauchíssima Trindade’⁶, a internacionalidade do traço de Fontanarrosa recebe destaque na apresentação do autor, uma vez que o cartunista publicava em veículos de distintos países, como nos jornais *Excelsior* (México), *El Pueblo* (Colômbia), revistas *Raconto* (Itália) e *Krokodil* (Rússia)⁷. Ainda nessa obra brasileira, o gaúcho Inodoro Pereyra recebe uma menção textual e a qualificação de ser um personagem conhecido em toda a Argentina porque era publicado semanalmente em página inteira pelo *Clarín* e, anualmente, em livro.



Figura 1 - Inodoro encontra com Antonio das Mortes, personagem de Glauber Rocha (livro 1).

Quem acessa os quadrinhos de ‘Don Inodoro’, descobre a experiência do personagem em domar cavalos, em usar boleadeiras, em dançar os passos da ‘chacarera’ e vai ao encontro de sua lide com a cotidianidade, de sua visão de mundo complexa ainda que aparentemente grosseira e, sobretudo, a sua falta de passividade diante do girar do mundo físico e social. Inodoro tem um nariz grande, um cabelo volumoso, a largura das calças contrasta com o do seu peito – anda que anda folgado sobre alpargatas.

Segundo Néstor García Canclini, o personagem Inodoro retoma a linguagem folclórica de canções e lendas gauchescas, do radioteatro e dos programas televisivos sobre a identidade

5 As histórias de Inodoro ilustram adequadamente a “apropriação de elementos da cultura folk pela cultura de massas e pela cultura erudita (projeção do folclore)”, um os focos de pesquisa propostos por Roberto Benjamin dentro da área da Folkcomunicação (1999).

6 FONTANARROSA, Roberto; CRIST; SANTIAGO. **Gauchíssima trindade**. Porto Alegre: L&PM Editores, 1978.

7 O interesse acadêmico pelo personagem de Roberto Fontanarrosa também alcança publicações de diferentes regiões do mundo, caso da australiana ‘*Literature & Aesthetics*’ (v. 20, n. 1, p. 9-25, jul. 2010), no artigo ‘*Inodoro Pereyra: The Gaucho as a National Icon*’, de Annick Pellegrin.

nacional (apud PEREIRA, 2008, p. 2)⁸. Na dissertação de mestrado *‘Entre a épica e a paródia: a (des)mistificação do gaúcho nos quadrinhos de Inodoro Pereyra, el renegau’*⁹, Priscila Pereira (2011) considera que Inodoro permite um redimensionamento da representação do gaúcho dentro da tradição letrada da Argentina. Para a autora, o homem do pampa continua, ainda hoje, como um desafio a ser assimilado pelos argentinos, pois ora é “detratado pela sua associação com a barbárie, ora resgatado como representante da ‘alma’ nacional” (p. 11).

SEPARADO POR TORDESILHAS

O Tratado de Tordesilhas ratificou uma linha imaginária que dividia os domínios sob influência de Portugal e da Espanha. Apesar de datar do final século XV, as regiões em que imperavam os idiomas daqueles países serve de ilustração para a falta de maior integração no continente, conforme argumentou Jorge Schwartz no artigo *‘Abaixo Tordesilhas’* (1993)¹⁰. Pois, apesar de exceções como José Veríssimo, Mário de Andrade, Brito Broca e Manuel Bandeira, há pouca curiosidade de críticos brasileiros pela literatura do continente¹¹.

Inodoro, exemplarmente, indica que nos quadrinhos o traçado também o separa para o outro lado da fronteira. Segundo o pesquisador Pedro Meira Monteiro¹², parece haver maior dificuldade dos brasileiros em atravessarem a separação de domínios de línguas e imaginários hispanoamericanos que os norte-americanos. Meira leciona há uma década em Princeton num departamento de línguas e culturas portuguesa e espanhola, o que aguçou seu olhar comparativo, conforme escreveu no seu trabalho *‘A impertinência da pertinência: reflexões em torno do pensamento sobre o Brasil nos Estados Unidos’* (2011).

8 PEREIRA, Priscila. *Entre a épica e a paródia: a (des)mistificação do gaúcho nos quadrinhos de Inodoro Pereyra, el renegau*. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DA ANPHLAC, 8., 2008, Vitória. **Anais eletrônicos...** Vitória: 2008.

9 Enquanto a resenha era finalizada, essa dissertação recebeu o Troféu HQMIX na categoria trabalho acadêmico. Em sua 24ª edição, o título “premia e divulga a produção de histórias em quadrinhos, cartuns, charges e as artes gráficas como um todo no Brasil”, segundo as palavras dos organizadores. Fonte: <http://trofeu-hqmix.blogspot.com.br/>.

10 SCHWARTZ, Jorge. *Abaixo Tordesilhas*. **Revista de Estudos Avançados**, São Paulo, v. 7, n. 17, p. 185-200, 1993.

11 Entre os pontos gerais para explicar essa separação de Tordesilhas, começar-se-ia pelo fosso cultural então presente entre Espanha e Portugal, mas também, depois, o caráter linguístico e histórico distinto do Brasil. Neste último caso, porque a partir de 1850, ele era uma monarquia cercada de repúblicas.

12 MONTEIRO, Pedro Meira. *A impertinência da pertinência: reflexões em torno do pensamento sobre o Brasil nos Estados Unidos*. **Lua Nova**, São Paulo, n. 82, p. 87-107, 2011.

Como forma de entender um pouco o entorno à obra de Fontanarrosa, um relato obtido junto ao pesquisador de quadrinhos e quadrinista Juscelino Neco aborda a aproximação dos leitores brasileiros dos autores argentinos de HQ's:

“Muitos podem se surpreender ao descobrir que, logo aqui no país vizinho, existe uma indústria de quadrinhos consolidada e robusta [...]. No Brasil, aconteceram tentativas esporádicas de publicação das *historietas* argentinas. A revista ‘Animal’, publicada entre 1987 e 1991, sempre tentava encaixar no mix e HQ's europeias e brasileiras algum artista argentino. De forma mais concreta, a editora especializada em quadrinhos Zarabatana Books, detentora dos direitos do hit ‘Macanudo’, vem ensaiado uma aproximação cada vez maior entre Brasil e Argentina via quadrinhos. Nesse sentido, a atuação do pesquisador Paulo Ramos têm se mostrado central. Além da publicação de ‘Bienvenido – Um passeio pelos quadrinhos argentinos’ (2010), em que justamente apresenta ao público brasileiro as *historietas*, Ramos também vem atuado como consultor em projeto como a ‘Fierro Brasil’, versão nacional da publicação argentina. No reduzido mas substancial catálogo da Zarabatana podemos encontrar diversas *historietas*, de humor e aventura. Contudo, a distribuição limitada às livrarias e *comics shops* muitas vezes prejudica o contato do leitor não familiarizado”.

O humor de Fontanarrosa sobrepõe registros culturais variados, convidativos desde a pesquisadores de Folkcomunicação até a quem procura um passatempo e sairá dele com uma ideia fresca, uma provocação. Se essa resenha tenha assinalado por demais a falta de edição de coletâneas com as *historietas* de Inodoro Pereyra em terras brasileiras talvez se deva a projeção dessa obra num país tão próximo¹³.

Por uma questão editorial desconhecida a esse exercício de apresentação e apreciação, Inodoro não foi considerado com suficiente apelo para ser publicado no Brasil, enquanto que, Boogie foi. Talvez o mais provável explicação seja o receio dos editores diante de um personagem quando ele se confunde a um símbolo nacional em seu país de origem. Ou porque eles tenham observado Inodoro Pereyra apenas como regionalista, usando o termo no sentido limitador da palavra, e para tanto fosse apenas interessante ao estado do Rio Grande de Sul, por ser o território brasileiro mais influenciado pela tradição *gaucha*.

A resenha lança um pequeno desafio. Ele se dirige a quem conhece os quadrinhos ‘V de Vingança’, ‘*Watchmen*’ (ambos de Allan Moore), ‘Sin City’ (de Frank Miller), ‘Cavaleiros do

13 A proximidade geográfica convive com um distanciamento cultural, colaborado pela crônica ausência de integração sul-americana entre os territórios sob domínio dos idiomas português e espanhol, reerguendo como metáfora as fronteiras de um Tratado de Tordesilhas. Cabe destacar que, na primeira década do século XX, os periódicos brasileiros dedicaram um crescente espaço a temas ‘latinos’ em suas editorias ‘Internacional’/‘Mundo’, mas, apesar da visibilidade midiática da região, parece persistir, de modo genérico, uma resistência ao aprofundamento dos intercâmbios. Ponto presente mesmo entre países do chamado bloco do Mercosul, entre os quais se sobrevaloriza o aspecto econômico das relações. A crise no Paraguai, diante do *impeachment* do presidente Lugo, foi mais um capítulo dessa história.

Zodíaco’ (de Masami Kuromada) e ‘*Dragon Ball*’ (de Akira Toriyama). Se você conhece algum desses títulos e desconhece Inodoro Pereyra, há o que se pensar. Esse *gaucho* alcança uma popularidade entre os argentinos que destoa em relação ao conhecimento dos personagens desses títulos norte-americanos e japoneses entre os habitantes de seus respectivos países. A comparação soa estranha porque talvez Inodoro não tivesse a abertura ao mundo *pop* ou a assistência de uma indústria midiática disponível aos mencionados, porém, o ponto é: por que figura de ficção tão próxima de nós, presente na imprensa argentina por cerca de três décadas, passa despercebida mesmo entre os apaixonados pelo traço, pela arte sequencial? Caso não saiba o que responder, vá ao encontro do estancieiro e pergunte você mesmo a ele. **RIF**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTANARROSA, Roberto. **Las aventuras de Inodoro Pereyra** - El renegau. Buenos Aires: Ediciones de la Flor, 1974. (Número 1).

PEREIRA, Priscila. **Entre a épica e a paródia**: a (des)mistificação do *gaucho* nos quadrinhos de Inodoro Pereyra, *el renegau*. 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Universidade de Campinas, Campinas, 2011.

FILME

Martín Fierro: la película. Direção: Liliana Romero; Norman Ruiz. Argentina; Espanha: 2007. (87 min.).

RELATOS

NECO, Juscelino. 18 jun. 2012. Relato concedido a Ben-Hur Demeneck.

URIBARREN, María Sabina. 18 jun. 2012. Relato concedido a Ben-Hur Demeneck.